

Problemas no exterior

São muitos os sinais de desagrado que estão sendo enviados ao Brasil pela Comunidade Econômica Internacional, não só pelo não cumprimento das metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para este ano — cuja integral execução representaria a entrada, este ano, de um empréstimo de US\$ 2 bilhões, bem como facilitaria a aproximação das demais entidades financeiras internacionais — mas também, e principalmente, por causa da crise política. É certo e líquido que nenhuma entidade internacional ou nação tem o direito de opinar sobre assuntos internos brasileiros, mas é igualmente compreensível que tais organismos ou países se retraiam num momento tenso como o que está sendo vivenciado agora.

A mais recente informação neste sentido diz respeito ao cancelamento de uma viagem que técnicos do FMI fariam ao Brasil, agora em setembro, para acompanhar o andamento das metas acertadas. A situação tornou-se muito delicada. Estamos em setembro e no final do mês fecharemos o terceiro semestre consecutivo sem o cumprimento do que foi firmado com o Fundo Monetário Internacional. Esta retaliação pode configurar a retirada do aval que o Fundo vinha dando ao programa de modernização da economia brasileira.

São muitos os furos no programa econômico brasileiro. O mais visível talvez esteja nos indicadores da inflação. A média mensal tem ficado acima de 20 por cento e pode chegar a 25 por cento ao final deste mês. E não há nada a indicar que o Brasil esteja caminhando, mesmo a médio prazo, para reduzir a inflação a apenas um dígito, como, aliás, já o fizeram as maiores economias latino-americanas: México e Argentina. Ainda a nível internacional, é preciso ter em

mente que o Brasil, com sua renitente elevação do custo de vida, começa a ameaçar seriamente a fusão do Mercosul.

Na contramão, o efeito mais visível e imediato do descontrole das contas brasileiras corporifica-se na suspensão de um empréstimo *stand by* de US\$ 2 bilhões, do FMI, que serviria para alavancar um crescimento da economia no próximo ano. A cada semestre de fracasso corresponde a perda de US\$ 500 milhões. Pior ainda do que isso é a perda do aval daquela instituição, porque repercutirá no nosso relacionamento não só com outras entidades financeiras internacionais mas também junto a outros governos.

Depois da aplicação de tantos choques econômicos mágicos, a política de livre mercado do ministro Márcio Marques Moreira representou, inicialmente, um alívio tanto para os trabalhadores quanto para os sobressaltados empresários. Entretanto, contrariando o pensamento ortodoxo, como anteriormente já haviam desmentido as cartilhas dos heterodoxos, a inflação brasileira não cedeu. Não explodiu, como se anunciava, mas também não caiu. Manteve-se num insuportável patamar de 20 por cento. Agora, é praticamente impossível saber o quanto a crise política está influenciando no caos econômico, se é que tem alguma influência.

A interdependência das economias mundiais, hoje, é um fato incontestável. É claro que o mau desempenho da economia brasileira tem repercussões no exterior. Assim, fecha-se um terrível círculo vicioso. O País não deslança, para desespero dos seus cidadãos. Como não avança, não recebe recursos novos do exterior. E assim a crise econômica se arrasta, com o sacrifício sempre maior daquelas faixas menos privilegiadas da população.